

Círculos de construção de paz como metodologia de diálogo na educação¹

Peace building circles as a dialogue methodology in education

DOI:10.34117/bjdv8n12-158

Recebimento dos originais: 11/11/2022

Aceitação para publicação: 14/12/2022

Maria Cristiane Lopes da Silva

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia pela

Universidade Federal do Ceará (PPGS/UFC)

Instituição: Secretaria da Educação do Estado do Ceará (SEDUC) - Laboratório de Estudos e Pesquisa da Conflitualidade e da Violência da Universidade Estadual do Ceará (COVIO/UECE)

Endereço: Av. Gen. Afonso Albuquerque Lima, S/N, Cambéba, Fortaleza – CE, Av. Dr. Silas Munguba, 1700, Itaperi, Fortaleza - CE

E-mail: crisneto19@gmail.com

RESUMO

O presente artigo trata dos Círculos de Construção de Paz utilizados como metodologia que possibilita encontros sociais por meio da interação face a face, objetivando que os participantes possam escutar e falar de maneira estruturada e respeitosa sempre que determinado fato ou situação exigir. Essa metodologia faz parte de um conjunto de métodos das práticas restaurativas, firmada em princípios e valores da Justiça Restaurativa, que suscita postura e comportamentos diferenciados diante dos conflitos. No Brasil, nos últimos anos, esses Círculos têm-se multiplicado como uma ferramenta de diálogo em auxílio às práticas educativas nas escolas públicas, a fim de lidarem com os conflitos e poderem conversar a respeito de diversas causas, situações e temáticas. Os Círculos acontecem no formato em que as pessoas se sentam em círculo, seguindo um ritual com seus elementos estruturais – peça de centro, bastão da fala/ objeto da palavra, cerimônia de abertura e fechamento, check-in e check-out, valores e diretrizes e um (a) facilitador (a), o que os tornam distintos de uma simples roda de conversa. Dessa forma, objetiva-se refletir sobre a concepção, a organização e a utilização dos elementos peculiares dos Círculos de Construção de Paz a partir de inter cruzamentos teóricos e metodológicos da sua prática na Educação. A trajetória metodológica, assim, foca as reflexões teóricas entrelaçadas com situações vivenciadas nos Círculos de Construção de Paz pela experiência da autora no campo escolar. Como resultados notadamente em construção, o presente trabalho vem com pontos reflexivos que carregam interpretações pautadas em leituras, vivências, pesquisas, estudos e versos e controversos (dúvidas) que não denotam a pretensão precípua de encerrar o debate, mas sim de promover um convite ao debate sobre várias possíveis futuras perspectivas e ângulos diversos sobre o tema.

Palavras-chave: círculos de construção de paz, metodologia de diálogo, educação.

¹ Texto adaptado do resumo apresentado no I Congresso Online Internacional de Educação, realizado entre os dias 12 a 18 de junho de 2021, com o título: “Ferramenta de diálogo: círculos de construção de paz no contexto escolar”.

ABSTRACT

This article deals with Peacebuilding Circles used as a methodology that enables social encounters through face-to-face interaction, aiming for participants to be able to listen and speak in a structured and respectful manner whenever a given fact or situation requires it. This methodology is part of a set of methods of restorative practices, based on principles and values of Restorative Justice, which raises different attitudes and behaviors in the face of conflicts. In Brazil, in recent years, these Circles have multiplied as a tool for dialogue in aid of educational practices in public schools, in order to deal with conflicts and be able to talk about different causes, situations and themes. Circles take place in the format in which people sit in a circle, following a ritual with its structural elements – centerpiece, talking stick/word object, opening and closing ceremony, check-in and check-out, values and guidelines and a facilitator, which make them different from a simple conversation circle. In this way, the objective is to reflect on the conception, organization and use of the peculiar elements of Peacebuilding Circles from theoretical and methodological intersections of their practice in Education. The methodological trajectory, therefore, focuses on theoretical reflections intertwined with situations experienced in Peace Building Circles through the author's experience in the school field. As results notably under construction, the present work comes with reflective points that carry interpretations based on readings, experiences, research, studies and verses and controversial (doubts) that do not denote the main intention of closing the debate, but rather to promote an invitation to the debate on several possible future perspectives and different angles on the topic.

Keywords: peacebuilding circles, dialogue methodology, education.

1 INTRODUÇÃO

“²Um grupo de 12 (doze) pessoas sentadas em círculo, bem no centro um jarro de barro, com cactos naturais, rodeado de várias palavras soltas em tarjetas de papel madeira, contornando um perímetro de 90 cm de diâmetro. Circulava de mão em mão um pequeno chaveiro em formato de coração de metal, ali chamado de bastão da fala, que regulava o momento de fala. Só podia falar aquele que estava com o bastão em sua mão, enquanto os demais permaneciam em silêncio até chegar sua vez. A facilitadora ou guardiã do círculo começou explicando a metodologia, suas etapas e seus elementos simbólicos que faziam parte daquele momento. Tudo partia dela, quem perguntava e respondia inicialmente, passando em seguida o bastão para que cada um respondesse. Assim, a conversa circulava com uma estrutura própria e específica, com uma forma única e particular dos círculos de construção de paz.” (Círculo de Construção de Paz, 10 de novembro de 2021)

O trecho acima revela uma cena realizada em um tipo de Círculo de Construção de Paz, demonstrando minimamente a estrutura como ele acontece, com etapas e

² Descrição de um Círculo de Celebração realizado pela autora deste artigo com um grupo de profissionais da Educação, da assistência social e líderes comunitários, como finalização de um uma “Oficina sobre mediação de conflitos e comunicação não violenta”.

elementos simbólicos. Mas o que são os Círculos de Construção de Paz? Trata-se de uma metodologia inspirada pelos povos tradicionais da América e do Canadá que possibilita uma interação face a face entre os participantes, oportunizando que todos os partícipes tenham momentos de escuta e de fala de maneira respeitosa e acolhedora, pelo menos essa é a intenção.

Os Círculos de Construção de Paz são uma das práticas da Justiça Restaurativa, sendo configurado um processo que oferece “diferentes perspectivas ou filosofias para visualizar o ato ilícito ou danoso” (AMSTUTZ, 2012, p. 32). Em outras palavras, os Círculos são um método estruturado que possibilita uma conversa participativa sobre situações problemas ou quaisquer outras temáticas. De certa forma, ele assegura um diálogo entre vários indivíduos em que todos podem falar e ser escutados mediante uma organização estruturada; ou seja, quando um dos participantes estiver de posse do instrumento chamado bastão da fala, os outros têm a posse da escuta. Sucessivamente o objeto circula a partir da orientação do(a) facilitador(a) que tem a função de garantir o espaço seguro.

No Brasil, nos últimos anos, esses Círculos têm-se multiplicado como uma ferramenta de diálogo em auxílio às práticas educativas nas escolas públicas, para lidarem com os conflitos e para conversarem a respeito de diversas causas, situações e temáticas. Os Círculos são disseminados a contar dos anos de 2010, com a experiência no campo do Direito. Porém, ao longo dos últimos anos, outras áreas (Educação, saúde e assistência social, entre outras) também descobriram essa metodologia como forma de favorecer uma comunicação organizada, seguindo um passo a passo estruturado que garante uma conversa sistematizada.

Desta forma, os Círculos de Construção de Paz desenvolvem-se, em algumas escolas públicas do Ceará, como uma ferramenta dialógica que congrega todos para uma discussão colaborativa. Eles acontecem no formato em que as pessoas se sentam em círculo e seguindo um ritual com os elementos que os estruturam – peça de centro, bastão da fala/objeto da palavra, cerimônia de abertura e fechamento, check-in e check-out, valores e diretrizes e um(a) facilitador(a) – tornando-se distinto de uma simples roda de conversa (SILVA, 2020).

Posto isso, objetiva-se compreender como os Círculos acontecem no campo da Educação. Para tanto, enquanto concepção teórica prioriza-se a análise da dimensão sociológica goffmaniana, inter cruzando com as ideias de Pranis, algumas das precursoras. O percurso metodológico opta pela discussão bibliográfica, entrelaçando com trechos de

experiências cotidianas dos Círculos de Construção de Paz desenvolvidos durante a trajetória da autora do presente artigo.

Nesse contexto em especial, a premissa não é buscar resultados, mas sim fazer refletir sobre a concepção, a organização e os elementos que estruturam os Círculos de Construção de Paz a partir de intercruzamentos teóricos e metodológicos da sua prática na Educação.

2 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

O caminho traçado para esta escrita é o que Diógenes (1998) chama de uma trajetória inusitada, que tem a ver com o observar, o escutar, o acompanhar de maneira intermitente. É um processo que exige proximidade entre o teórico e o prático, proporcionando uma análise estreita para a compreensão da totalidade.

Com esse raciocínio, apesar de o foco deste escrito ser de cunho bibliográfico, há uma tentativa de relação com alguns trechos práticos experimentados pela a autora. Como pontua Bourdieu (1989), o estado da arte repousa “sem dúvida em ser-se capaz de pôr em jogo ‘coisas teóricas’ muito importantes a respeito de objetos ditos ‘empíricos’ muito precisos frequentemente menores na aparência, e até um pouco irrisórios”. Isso quer dizer que o artesanato laboral está em ser capaz de pôr em jogo a teoria que se tem e a empiria que se pensa ser a real. Trata-se de alguma forma da maneira de pôr à prova as concepções consagradas, as análises feitas no sentido de (re) construção de outras análises e promover outros debates para enriquecer as discussões.

Assim, a trajetória metodológica foca as reflexões teóricas entrelaçadas com situações vivenciadas nos Círculos de Construção de Paz. Como diz Becker (2007, p. 19-20), é fazer uso de “segredos e truques”³ no sentido de tirar o pesquisador da zona de conforto, “os truques fazem sugerir maneiras de virar as coisas ao contrário, de vê-las de outra forma para criar novos problemas a pesquisar”. É sair da rotina teórica costumeira sem parar para pensar e relacionar-se com o real.

Nesse viés o foco metodológico é este, mesmo sendo uma pesquisa bibliográfica, não deslocar do prático para fazer as análises conceituais; ou seja, “é preciso saber converter problemas muito abstratos em operações científicas inteiramente práticas – o

³ Trecho do livro de Becker (2007) que ajudar a compreender como se faz o trabalho cotidiano de pesquisa, como pensar nos dados colhidos, como escolher o campo de pesquisa e quais os sujeitos da pesquisa.

que supõe, como se verá, uma relação muito especial de como se chama ‘teoria’ ou ‘prática’” (BOURDIEU, 1989, p. 20).

3 CONCEPÇÃO E ESTRUTURA DOS CÍRCULOS DE CONSTRUÇÃO DE PAZ

Conforme Silva (2020), os Círculos de Construção de Paz podem ser conceituados como encontros sociais de interação face a face, constituídos por meio de um ritual de interação tomando como análise a dimensão goffmaniana. Esse ritual compreende-se como ocasiões de interação falada, assumindo comportamentos à luz da ordem simbólica ali estabelecida (GOFFMAN, 2011).

Em outras palavras, os Círculos são formas de interação copresente em que os participantes tecem olhares, expressões e gestos, comportamentos baseados na organização instituída pela lógica dos elementos estruturantes. De acordo com Pranis (2010, p. 20), os Círculos “são uma forma de reunir as pessoas de modo que todos sejam respeitados e que todos tenham igual oportunidade de falar sem que sejam interrompidos”.

Todavia, isso não afirma dizer que por unanimidade os participantes sentem as mesmas emoções e significados. Haja vista que o comportamento social são revelados não só por palavras, o corpo também fala, emite expressões inconscientemente, como por exemplo “alguém à sua frente cruza ou descruza os braços, muda a posição do pé esquerdo ou vira as palmas das mãos para cima” (WEIL, 2015, P. 20). São linguagens não verbais que permitem sinalizar emoções que se passam no íntimo do ser humano.

O que está em jogo nos Círculos é que sua organização ritualística oportuniza um diálogo estruturado, suscitando comportamentos aceitáveis, fachadas de acordo com o “código ritual⁴” simbólico configurado nos elementos estruturantes: as cerimônias, os check-ins, os valores, os combinados, o instrumento regulador de fala (bastão de fala), a peça de centro, a facilitação (PRANIS, 2010). São elementos que são constitutivos de significações e que os torna um diferencial perante outras práticas circulares, tornando-se diferente de uma roda de conversa ou grupo de discussão.

Portanto, afirmar que os Círculos de Construção de Paz são um ritual de interação é entender, a partir do pensamento goffmaniano, que são os laços construídos na copresença, respeitando as cerimônias, os elementos que os constitui para a manutenção

⁴ Na visão de Goffman (2011), esse código significa uma forma de manter o equilíbrio do encontro social em termos de padrões e expectativas.

da fachada⁵ e o pertencimento ao encontro social. É construir representações simbólicas capazes de assegurar o equilíbrio social diante dos regulamentos incorporados pela estrutura do seu ritual.

Logo, o papel de cada elemento nos Círculos é de extrema relevância para fazer com que ele aconteça. Caso contrário, perderá seu significado de ser, resumindo-se em uma mera roda de conversa. Dizer, então, que os Círculos de Construção de Paz estão sendo praticados é assumir o ritual por completo. É fazer com que seus elementos que os estruturam sejam respeitados e desenvolvidos ao longo do ritual, concebendo o ritual como “um sistema cultural de comunicação simbólica. Ele é constituído por sequências ordenadas e padronizadas de palavras e atos.” (PEIRANO, 2003, p.11).

Romper o ritual é quebrar com a lógica do sentido dos Círculos de Construção de Paz, comprometendo seu real significado, digo,

existem inúmeros processos que se parecem com o dos Círculos de Construção de Paz e partilham de suas características-chave. Em virtude dessas semelhanças, muitos presumem que todos são a mesma coisa. Os Círculos diferem significativamente desses processos no tocante ao impacto sobre os resultados e relacionamentos (PRANIS, 2010, p. 82).

Como fazer quando não se tem tempo para a realização dos Círculos de Construção de Paz dentro da estrutura pedagógica das escolas? Como fazer para não romper o ritual? É possível considerar outros arranjos e dizer que os Círculos de Construção de Paz estão sendo desenvolvidos? Faz sentido dizer que os Círculos estão sendo realizados sem utilizar todos os seus elementos que os caracterizam? Isto vai interferir no resultado no seu objetivo?

Conforme Pranis (2010), com relação aos impactos que os CCPs podem causar, os arranjos podem comprometer, ou, pelo menos, não atingir os resultados desejados. No entanto, algumas experiências sinalizam, no caso do ambiente escolar, que são usados alguns dos elementos dos Círculos de Construção de Paz dentro da sala de aula. Em outras palavras, diz um professor, em um dos momentos nos CCPs, que

⁶apesar de ser assim, de não adotar todas aquelas, digamos entre aspas, todo aquele “ritual” do círculo, mas muitas vezes na sala de aula...você vai adotando um elemento ou outro no momento da escuta do aluno, no momento em que ele coloca suas ideias (Relato de um professor nos CCP).

⁵ Fachada no sentido goffmaniano é a imagem autoconstruída nos encontros sociais, de maneira que as pessoas possam se manter na ocasião, e não representa algo negativo, mas, pelo contrário, é uma forma de representação necessária para a interação social.

⁶ Após a realização de um Círculo de Construção de Paz pela autora deste artigo, um professor fez esta afirmação.

Portanto, não se pode negar que os elementos estruturais estão sendo utilizados na prática escolar para contribuir com as ações pedagógicas dos professores preocupados em manter um diálogo saudável com os estudantes. Trabalhar com os valores e princípios da Justiça Restaurativa no âmbito escolar, segundo Hopkins (2011, p. 35) é utilizar técnicas restaurativas no cotidiano, “uma abordagem diária em sala de aula que desenvolva as habilidades de que necessitamos a fim de responder quando as coisas não estão bem”.

Arisca-se defender a ideia de que não sendo possível a aplicabilidade dos Círculos de Construção de Paz na sua íntegra, respeitando seu método ritualístico, isso não impede que os sujeitos da escola façam uso de alguns elementos para intervir dentro de uma abordagem restaurativa. Apesar de não ter realizado a metodologia dos CCP, ele fez o que Hopkins (2011, p. 6) chama de uma postura de um professor restaurativo.

Um professor restaurativo é uma pessoa que adota a visão de que os relacionamentos têm importância sim. Ele cria na sala de aula o maior número possível de oportunidades de conexão – conexão com o que eles já conhecem, fazer conexões entre o que os outros sabem, aprofundar seu próprio conhecimento vivendo essas conexões e, quando as coisas vão mal, assegurar que a reconexão aconteça o mais rápido possível. (grifo da autora).

Nessa lógica, compreende-se que para além dos Círculos de Construção de Paz existem outras práticas restaurativas que a escola pode utilizar no seu fazer pedagógico. Todavia, não se devem confundir as práticas restaurativas⁷, porque existem outras formas de intervenção diferenciadas alicerçadas na filosofia da Justiça Restaurativa, que não exclusivamente o método dos CCP.

Vale destacar que, por respeito à prática dos CCPs, só é possível considerar que foi feito uso deles se for utilizado o ritual na sua integridade. Caso contrário, na inviabilidade de condições estruturais (espaço físico adequado, material e tempo indisponível, entre outros fatores) não atendidas ao ritual, torna-se mais sensato não ferir as estruturas fundantes e afirmar que realizou outra prática restaurativa.

Em conformidade com Hopkins (2011, p. 5), o mais importante é a “adoção sistemática para a escola como um todo de acordo com uma ética e uma cultura

⁷ Conforme AMSTUTZ (2019), as práticas restaurativas podem ser encontradas enquanto processos dialógicos: Conferências de Grupos Familiares, Encontros Vítima-Ofensor e Processos Circulares. Concebem-se estes processos como sendo os Círculos Restaurativos e os Círculos de Construção de Paz (este último é o foco deste artigo). Além de outras práticas que são concebidas como restaurativas que não estão elencadas por esta autora.

restaurativa e o uso constante de pensamentos e habilidades restaurativas em todas as salas de aula por todos os professores”; melhor definindo, independente de ser uma prática ou uma abordagem restaurativa, o foco é cuidar das pessoas com diálogo, respeito e conexão humana.

4 CÍRCULOS DE CONSTRUÇÃO DE PAZ NA EDUCAÇÃO

⁸Acho muito rico assim, muito rico. E para as pessoas que participam, que não tenham medo de se abrir, de colocar o que sentem, de tentar resolver as coisas de uma maneira bem conversada, porque funciona. Tem funcionado muito aqui na escola. Eu acho que a implementação desses círculos participativos é alguma coisa que só veio para somar, enriquecer nosso dia a dia, deixá-lo mais tranquilo e menos estressante (Relato de uma professora sobre os Círculos de Construção de Paz).

Neste relato, a professora traduz a importância dos Círculos na sua realidade escolar. No seu imaginário simbólico define como uma experiência rica que possibilita diálogo e tranquilidade. Então, compreender o significado dos Círculos de Construção de Paz na Educação é entendê-lo como uma metodologia que contribui com as ações pedagógicas dos professores. De acordo com Silva (2020, p. 124) os Círculos de Construção de Paz “podem servir de manejos de algumas situações conflitivas, mas, além disso, como um encontro favorável ao diálogo, dentro das relações interativas de poder que são inerentes às relações sociais”.

Nessa lógica, os CCPs funcionam como um recurso metodológico para o manejo dos conflitos, uma forma de cuidado nas relações de interação em que se privilegia uma conversa pautada nos valores de conexão, de pertencimento e responsabilização. No campo da Educação, isso vem de encontro às necessidades de romper com as estruturas hierarquizadas e punitivas.

Sendo a Educação, conforme Foucault (1987), um dispositivo que fabrica indivíduos dentro dessa estrutura punitiva e hierárquica, atrair para esse contexto uma metodologia que é um contraponto a essa lógica não deixa de representar para os professores algo bastante agregador nas atividades pedagógicas, mas também algo para contribuir para o processo de sociabilidade.

Nas palavras de Silva (2020, p. 158), trabalhar com a experiência dos CCPs na escola é compreender que

⁸ Um registro do diário de campo feito pela autora deste artigo, depois da realização de um Círculo de Construção de Paz.

os Círculos são percebidos, sob os múltiplos olhares da comunidade escolar, como um espaço diferente para diálogo, que fascina e encanta, agregando relações e compartilhando sentimentos, interpretados pelos sujeitos como uma forma distante dos hábitos da rotina escolar, uma prática diferente a que não estão acostumados.

Por sua vez, existem situações inúmeras que inviabilizam os CCPs no campo da Educação, desde a estrutura física e pedagógica, que são dissociadas da ritualística dos Círculos, como também até o que não faz parte da rotina pedagógica. Melhor dizendo, existem limites e possibilidades que as escolas encontram rotineiramente, como “recursos humanos insuficientes, sem um tempo ideal para sua objetivação, dentro de uma lógica escolar que não contribui, e sem apoio institucional efetivo” (SILVA, 2020, p. 160).

Trata-se de uma realidade que não está distante de muitos contextos educacionais, gerando a participação de experiências pontuais ou por determinados grupos de professores que não atingem um número expressivo dentro das escolas. Isso pode ser visto consoante à posição de Hopkins (2006, p.45) como uma experiência insuficiente dentro da Educação,

Portanto, ‘cair de paraquedas’ nas Instituições para oferecer Encontros Restaurativos ocasionais não é o melhor encaminhamento. Já está provado que o que faz a diferença é uma mudança global de cultura da organização, com um envolvimento gradual de toda a comunidade na maneira de lidar com o conflito de forma diferente.

Cabe afirmar ainda que a execução dos Círculos de Construção de Paz dentro das escolas sem estarem articulados dentro da proposta pedagógica, sem o envolvimento e o entendimento por toda a comunidade escolar, interpreta-se como sendo esse ‘cair de paraquedas’, não resultando de forma suficiente nem efetiva o alcance da potência que as práticas restaurativas possam gerar para a Educação. Que fazer diante dessa realidade?

Fica, portanto, essa interpelação como forma de provocação teórica e metodológica que exige outros debates e entrelaçamentos de olhares e perspectivas. Propõe-se aqui o estímulo para outros percursos e escritos aos interessados e aos curiosos pela temática.

5 CÍRCULOS DE CONSTRUÇÃO DE PAZ NÃO É TERAPIA

Pranis (2010) tece argumentações para refletir e concluir que os CCPs não são terapia, visto que o facilitador como condutor do diálogo participa efetivamente do processo contando suas histórias de vida; o facilitador não gerencia o processo, ele integra o grupo também com suas experiências e seus pontos de vista; todos os copresentes são responsáveis pela dinâmica da conversa, não há determinações comportamentais sobre o que fazer e o que não fazer. Em suma, o facilitador é membro e participante do ritual com seus sentimentos e necessidades; por sua vez, os CCPs não são um tratamento de terapia, mas um método que facilita uma conversa estruturada respeitosa e participativa visando a uma solução prática e viável.

Tomando essa discussão ao pensamento de Goleman (2012), compreende-se uma enorme tendência de esgarçamento da teia das relações sociais, provocadas pela onda de individualismo acentuado, uma forte concentração de competitividade, abalando fortemente o senso de comunidade e um desconforto emocional tamanho. Dessa maneira, a consequência é o isolamento social e um espírito de não cooperação, chegando ao ponto de não se conseguir um diálogo civilizado.

Talvez essa capacidade de os CCPs possibilitarem um diálogo civilizatório, que rompe com os aspectos desumanizadores, no sentido de oportunizar que os participantes se coloquem de uma forma mais coletiva *versus* o individualismo, é bastante positiva posto que não existe ali um processo competitivo, mas um método estruturado no qual todos têm sua voz e sua escuta respeitada em um espaço de diálogo estruturado. Isso, muitas vezes, gera a ideia de que se trata de terapia dentro do ambiente das escolas.

Se associado à visão de Elias (1994) na sua teoria do processo civilizatório, que concebe a sociedade como uma configuração social de uma teia de interdependência entre os indivíduos e as instituições, nas quais “os homens se tornaram educados” e passam a tratar-se de maneiras diferentes para manter-se sociável na sociedade, é possível se perceber a evolução gradativa a partir de suas concepções. Nas palavras do autor:

A imagem de homem como “personalidade fechada” é substituída aqui pela “personalidade aberta”, que possui um maior ou menor grau (mas nunca absoluto ou total) de autonomia face de outras pessoas e que, na realidade, durante toda a vida é fundamentalmente orientada para outras pessoas e dependente delas. A rede de interdependências entre os seres humanos é o que os liga. Elas formam o nexo do que aqui é chamado de configuração; ou seja, uma estrutura de pessoas mutuamente orientadas e dependentes. (ELIAS, 1994, p. 240).

Se comparada essa reflexão ao Círculo de Construção de Paz, atreve-se dizer que nesse processo circular em que os participantes chegam fechados e no desenrolar do ritual vão tornando-se abertos, obtém-se êxito em uma teia que Elias chama de interdependência, que torna os indivíduos civilizados, destoando-se da sociedade capitalista que os envolve, como diz Goleman, com individualismo e competitividade. Isso faz com que os participantes considerem a experiência tão diferente e acabam afeiçoando-se a ela como se fosse uma terapia coletiva.

Desse modo, perceber-se esse tipo de reflexão nas falas de participantes dos CCPs:

Foi surpreendente, parece terapia, porque a gente realmente não conhece as pessoas, aí eu vejo você assim, para mim você está super bem, mas eu não sei o que você passa. Aí naquele momento ali, com aquelas perguntas, naquele diálogo que acontece ali, a gente começa a conhecer, a gente começa a ver as pessoas com outros olhos. (Funcionária de uma escola participante dos Círculos de Construção de Paz).

Esse diálogo comunga com a concepção de Elias, no sentido de as pessoas se colocarem no sentido mais aberto, ‘personalidade aberta’ diante da teia de relações. Nos CCPs, conforme a fala dessa funcionária, as pessoas se conhecem e tornam-se acessíveis ao diálogo e acabam conhecendo quem são verdadeiramente. Assim, como na visão de Goleman, as pessoas abrem-se no sentido coletivo menos individualista de que tanto precisam, em “que o único remédio capaz de debelar esses sintomas de doença social seja uma nova forma de interagir no mundo – com a inteligência emocional” (Idem, 2012, p.19).

Constata-se um trato emocional não de cunho terapêutico, pois não é o sentido dos Círculos de Construção de Paz, mas aqui compreendida sob a perspectiva da sociologia das emoções, partida do “princípio de que as experiências emocionais singulares, sentidas e vividas por um ator social específico, são produtos relacionais entre os indivíduos e a cultura e a sociedade” (KOURY, 2009, p. 9). Deste modo, os Círculos de Construção de Paz vão reverberando essas sensações que acabam confundindo os participantes como sendo terapia, em que, na verdade, esse não é o sentido, tampouco seu objetivo.

De acordo com Pranis (2010, p. 86), o sentido e o objetivo dos Círculos de Construção de Paz são “criar um espaço em que os participantes se sentem seguros para falar sua verdade sabendo que, embora devam assumir responsabilidades por suas ações, não serão desrespeitados”. Isso é a essência dos CCPs que se embrenham no campo escolar como um aliado às práticas pedagógicas de diálogo sem a finalidade de ser ou

tornar-se terapia, entendendo que esse aspecto tem outra seara de percepção e estudos específicos para análise e discussão.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para as considerações finais é interessante afirmar que o escrito apresenta uma carga de ponto que suscita interpretações pautadas em leituras, pesquisas, estudos e versos e controversos que não têm aqui a pretensão de encerrar o debate. Compreende-se o mesmo como um esforço teórico e metodológico de instigar novos debates para agregar conhecimentos e perspectivas outras sobre a temática.

As reflexões ora levantadas no decorrer no discurso são tentativas de alavancar contribuições teóricas para a compreensão dos Círculos de Construção de Paz, no sentido de ampliar horizontes para os estudos dentro da Educação. Assim, falar da sua concepção e estrutura, gerar a discussão para a Educação e concebê-lo como não sendo terapia é incrementar outros olhares ao debate, é instigar outros vieses discursivos para seu entendimento e sua propagação.

Portanto, falar sobre os Círculos de Construção de Paz demonstra que muitos aspectos ainda precisam ser postos em evidência, desde sua estrutura organizacional até os impactos que causam dentro dos espaços em que estão sendo desenvolvidos, principalmente para a Educação.

Como afirmado anteriormente, as ideias aqui discorridas conjugam uma perspectiva teórica com alguns entrecruzamentos com trechos de situações práticas, levando a considerar que os Círculos de Construção de Paz, enquanto métodos para diálogo, possuem elementos essenciais na sua ritualística, necessários para seu sentido e para seu significado no contexto das escolas.

Por sua vez, embora muitas experiências não sejam possíveis à utilização de seu passo a passo, podem ser conduzidas outras abordagens de cunho restaurativo; isso porque existem outros procedimentos, posturas que fazem o papel de cuidado para com o diálogo entre as pessoas e suas consequências no convívio social, principalmente no espaço escolar.

Entretanto, pondera-se o seu fazer cotidiano sem ter conexão mais abrangente dentro da Educação, não adiantando ‘cair de paraquedas’, fazer de qualquer jeito. É necessário refletir sobre como está sendo feito e quais resultados estão sendo alcançados. Que impactos restaurativos vêm causando no ambiente escolar? Essas são algumas dúvidas que podem surgir à medida que interessados se preocupam com a metodologia

dos Círculos de Construção de Paz e os impactos que podem vir causando nas experiências dentro das escolas, de forma pontual ou não.

Enfim, seja de uma maneira ou de outra, vale a pena refletir e suscitar indagações como forma de movimentar as discussões teóricas e metodológicas para o aprimoramento da prática dos Círculos de Construção de Paz, ficando a ideia para um convite ao debate sobre várias perspectivas e ângulos, porque “ler significa reler e compreender, interpretar. Cada um lê com os olhos que tem e interpreta a partir de onde os pés pisam” (BOFF, 1997, p. 9).

REFERÊNCIAS

- AMSTUTZ, Lorraine Stutzman. **Encontros vítima-ofensor: reunindo vítimas e ofensores para dialogar.** Tradução Tônia Van Acker. São Paulo: Palas Athena, 2019.
- BECKER, Howard. **Segredos e truques da pesquisa.** Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha.** 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder simbólico.** Rio de Janeiro: Difel, 1989.
- DIÓGENES, Glória. **Cartografias da Cultura e da Violência.** São Paulo: Annablume, 1998. In:
- ELIAS, N. **O processo civilizador.** Uma história dos costumes. Vol. 1. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramallete.** Petrópolis, Vozes, 1987.
- GOFFMAN, Erving. **Ritual de interação.** Ensaios sobre o comportamento fase a fase. Tradução de Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente.** Tradução de Marcos Santarrita. 2 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
- HOPKINS, Belinda. Práticas restaurativas em sala de aula. *Transforming Conflict*, 2011.
- HOPKINS, Belinda. **Tornando-se restaurativo em seu local de trabalho: uma gama de práticas restaurativas para lidar restaurativamente com situações do dia a dia.** Tradução realizada pela Equipe Justiça em Círculo, 2006. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmninnkcbpcqjclgclcfndmkaj/https://palasathena.org.br/downloads/Tornando-se_restaurativo_ambiente%20_trabalho.pdf> Acesso em: 10 out. 2022.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Emoções, sociedade e cultura: a categoria de análise emoções como objeto de investigação na sociologia.** Curitiba: Editora CRV, 2009.
- SILVA, Maria Cristiane Lopes da Silva. **Círculos de Construção de Paz: experiência e olhares na escola pública.** Fortaleza, 186 fls. Dissertação (mestrado em sociologia), Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE, 2020. Disponível em: <<https://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=95823>> Acesso em: 10 out. 2022.
- PEIRANO, Mariza G.S. **Rituais ontem e hoje.** Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- PRANIS, Kay. **Processos circulares de construção de paz.** Tradução de Tônia Van Acker. São Paulo: Palas Athena, 2010.
- WEIL, Pierre. **O corpo fala: a linguagem silenciosa da comunicação não verbal.** 74 ed., Petrópolis: Vozes, 2015.